

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA AQUISIÇÃO DO LÉXICO DE L2

PAOLA BASILIO¹; ALESSANDRA BALDO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – paolabasilio94@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – alessabaldo@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Compreender de que forma o aprendiz de uma língua adicional adquire o léxico do sistema linguístico com o qual entra em contato, independentemente da motivação, vai além da compreensão dos processos de aquisição das relações semânticas da língua alvo. Estão envolvidas também relações com a compreensão de como esse aprendiz adquire as regras sintáticas, morfológicas, fonológicas e pragmáticas da língua. No nível pragmático, um exemplo é a relação entre aquisição de expressões idiomáticas (Eis) e aquisição de habilidades pragmáticas na L2, na medida em que estas favorecem o estabelecimento de relações interculturais entre a L1 e a L2. As Eis são fenômenos linguísticos singulares para estabelecer tais relações devido a características como a expressividade, a conotação, a convencionalidade, em especial nos níveis semântico e pragmático, e a indecomponibilidade (TAGNIN, 2005).

Tendo isso em consideração, os principais objetivos do estudo aqui relatado são três: (i) avaliar os processos cognitivos (via estratégias) empregados por cinco aprendizes de português como L2 para inferir o significado de Eis quando apresentadas de modo descontextualizado; (ii) avaliar os processos cognitivos empregados pelos mesmos aprendizes para inferir o significado dessas expressões quando apresentadas em um contexto específico; (iii) avaliar em que medida é possível aproximar os processos cognitivos efetivados pelos sujeitos nas duas atividades.

2. METODOLOGIA

Este estudo, de natureza qualitativa, teve como sujeitos cinco alunos matriculados no Nível I do curso de Português para Estrangeiros da Universidade Federal de Pelotas no ano de 2012. Três deles eram falantes de espanhol como língua materna, um, de chinês, e o último, de mandarim.

Para a obtenção dos dados, foram selecionadas dez expressões idiomáticas com as palavras mãos, pés e dedos, com o objetivo de manter uma relação semântica entre elas, conforme apresentado no Quadro 1, com textos autênticos que as contemplassem.

1. passar a mão na cabeça	6. dar de mão beijada
2. estar com as mãos atadas	7. ficar no pé
3. meter os pés pelas mãos	8. ter mão leve
4. ficar cheio de dedos	9. não ter pé nem cabeça
5. dar a mão à palmatória	10. ser uma mão na roda

Quadro 1: Expressões idiomáticas

A coleta de dados se deu em sessões individuais, por meio de protocolos verbais de pausa e retrospectivos, que consistem em solicitar que o sujeito verbalize o que está pensando no momento em que busca realizar a tarefa solicitada, possibilitando que o pesquisador obtenha informações sobre os processos cognitivos por ele empregados (ERICSON e SIMON, 1993; AFFLERBACH, 2000; CAMPS, 2003). Todas as verbalizações foram gravadas em áudio, e os dados, posteriormente transcritos.

A aplicação dos instrumentos se deu através das seguintes etapas:

- (i) apresentação das EIs descontextualizadas aos sujeitos, quando solicitava-se aos sujeitos para formarem um significado para as EIs consideradas desconhecidas;
- (ii) leitura dos textos que continham as EIs desconhecidas, para que explicassem o significado atribuído à expressão após a leitura, como também avaliassem se este poderia ser comparado ao atribuído à expressão descontextualizada.

Essas duas etapas foram realizadas por meio dos protocolos de pausa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Eis descontextualizadas: Entre as cinco estratégias utilizadas pelos participantes, a mais frequente foi a realização de analogias/associações entre a EI e conhecimentos prévios provindos tanto da L1 como da L2, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Ocorrências de estratégias para as EIs descontextualizadas

Estratégias					
Conhecimento L1	Conhecimento L2	Analogias/ Associações	Tradução Literal	Repetição voz alta	Sem tentativa
4	3	12	2	5	6

Eis contextualizadas: apenas uma estratégia aparece com significativa frequência de uso, ou seja, uso de indícios micro e/ou macrotextuais. Entende-se que uma explicação coerente para esse resultado está na própria tarefa solicitada, que demandava, em maior ou menor grau, o uso dessa estratégia.

Tabela 2: Ocorrências de Estratégias para Els Contextualizadas

Estratégias				
Releitura da frase com a expressão	Relação com outra expressão, L1 ou L2	Uso de indícios micro e/ou macrotextuais	Resposta em forma de questão (aguardo pesquisador)	Elaboração conceito próprio (após confirmação pesquisador)
8	3	20	7	2

Estratégias em comum nas Els descontextualizadas e contextualizadas: Com relação ao terceiro objetivo do estudo, ou seja, o de avaliar em que medida é possível aproximar os processos cognitivos efetivados pelos sujeitos nas duas atividades, os dados encontrados nos mostram muito mais um distanciamento do que uma aproximação. A única semelhança, em termos de estratégias, foram as relações com outras Els, tanto na L1 como na L2, evidenciadas em ambas as situações, conforme apresentado na Tabela 3

Tabela 3: Estratégia em comum entre dois contextos de Els

Els descontextualizadas	Analogia de natureza variada (associação com outra expressão na L1 ou L2)
Els contextualizadas	Relação com outra expressão na L1 ou L2

4. CONCLUSÕES

Os dados analisados até o momento mostraram que a analogia é o recurso cognitivo empregado com mais frequência para a inferência das Els quando descontextualizadas, enquanto o uso dos indícios microtextuais é o de maior uso para a inferência das Els em contexto. A relação com outras Els, seja na língua materna, seja no português, foi a única estratégia utilizada pelos sujeitos para tentarem compreender o significado tanto das Els descontextualizadas como das contextualizadas.

Cabe ressaltar que os resultados aqui apresentados fazem referência à primeira parte do estudo, e estão previstas três etapas para sua complementação, conforme segue:

- (i) aplicação dos instrumentos a um número maior de aprendizes de português como L2, a fim de verificar se o mesmo padrão de uso de estratégias encontrado até o momento será confirmado;
- (ii) apresentação de novas Els para os sujeitos, a fim de verificar se a natureza das expressões – tanto com base em metáforas primárias e com relação a campos semânticos específicos – atua como uma variável na seleção das estratégias empregadas no processo inferencial;
- (iii) resposta a uma nova questão de pesquisa, sobre possível relação entre uso de estratégias e quantidade de inferências realizadas apropriadamente.

Espera-se que os dados apresentados, ainda que preliminares, tenham sido suficientes para mostrar a complexidade dos recursos inferenciais que os aprendizes desse estudo lançaram mão na tentativa de buscarem sentido para expressões que, a um primeiro olhar, não lhes dizia nada. Espera-se também poder apresentar novos e mais instigantes dados sobre este projeto de pesquisa no próximo CIC.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFFLERBACH, P. Verbal reports and protocol analysis. In: PEARSON, David P.; KAMIL, Michael L.; MOSENTHAL, P. B.; BARR, R.(org.). **Handbook of Reading Research III**. Londres: Routledge, 2000.
- CAMPS, J. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 13, n. 2, 2003.
- ERICSON, K. A.; SIMON, H. **Protocol Analysis: Verbal report as data**. MIT Press, Cambridge, MA, 1993.
- TAGNIN, Stella. E. O. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Editora Disal, 2005.